





Como comemorar onze anos de atividades? Com festas, prêmios, discursos... Existem várias formas de celebração, é claro, mas todas elas só são válidas quando dividimos as alegrias. Pensando nisso, decidimos lançar, em nosso décimo primeiro aniversário, a revista Asas, um espaço onde será possível dividir com vocês nossas conquistas e ideias.

A partir de agora, amigos, alunos, professores e parceiros, enfim, todos que vêm nos seguindo nesta jornada, serão também nossos leitores e poderão acompanhar mais de perto nosso trabalho, enviando também suas contribuições.

Na primeira edição, além de uma matéria especial sobre a primeira década da CCEAD, trazemos uma entrevista exclusiva com o Vice-Reitor Acadêmico, professor José Ricardo Bergmann, que revela os planos da PUC-Rio para utilização de tecnologias no ensino presencial.

Encontramos, para um bate-papo descontraído, a equipe responsável pelo Almanaque Sonoro de Química. Este grupo, constituído por radialistas, músicos, técnicos e professores, conta tudo sobre o desafio de transformar química em som.

Como a educação a distância está mudando a vida de motoristas e trocadores de ônibus e, também, de inúmeros jovens que fazem parte de cursos comunitários do Rio de Janeiro? Em duas reportagens, você desvendará este segredo.

Temos, ainda, uma matéria sobre o primeiro curso de graduação a distância da PUC-Rio, organizado pelo Departamento de História e pela CCEAD, em parceria com a UERJ.

Não poderíamos deixar de falar, neste primeiro número, do curso Tecnologias em Educação, um verdadeiro sucesso que segue para sua terceira edição em 2011.

Aqui estamos nós, convidando vocês a compartilhar nossas histórias e, portanto, nossas alegrias. É, sem dúvida, uma comemoração em forma de revista.

> Boa leitura! Gilda Helena Bernardino de Campos

CCEAD 11 anos

lex, ui ixpiki inglix 7

Almanaque Sonoro de Química

Entrevista 16

4

Cursos comunitários 20

Novidades em Congressos

Fazendo história 27

> 30 Notícias

Brasil, mostra a tua cara

Na avaliação do MEC, o Almanaque Sonoro de Química recebeu pontuação máxima e várias escolas já estão utilizando o material produzido



Entrevista com José Ricardo Bergmann, Vice-Reitor Acadêmico da PUC-Rio, sobre a nova realidade da educação



Uma graduação inteira a distância com a qualidade requerida na formação de professores de História



REVISTA ASAS

coordenação central de ead GILDA HELENA B. DE CAMPOS editor

CLAUDIO PERPETUO redação

ALESSANDRA ARCHER CAMILA WELIKSON

projeto gráfico **ROMULO FREITAS** diagramação ROMULO FREITAS fotografia CAMILA WELIKSON **ROMULO FREITAS**

designers assistentes AMANDA CIDREIRA ANA PAULA MORFIRA JOANA FELIPPE

revisão

ALESSANDRA ARCHER CAMILA WELIKSON





Crescimento sem

Em 2000, ano do nascimento da Coordenação Central de Educação a Distância da PUC-Rio, o cenário digital era totalmente diferente da realidade atual: novas ferramentas eram criadas e incorporadas automaticamente aos cursos presenciais e não presenciais e qualquer nova tecnologia era recebida como uma pedra preciosa a ser lapidada para uso pedagógico.

Enquanto a CCEAD crescia, a banda larga se popularizou, substituindo as conexões discadas; as redes sociais viraram uma febre mundial e a comunicação por mensagens instantâneas e por telefonia via internet – o famoso Skype – tornaram o mundo efetivamente menor, como já havia previsto, na década de 1960, o sociólogo canadense Marshall McLuhan.

Findada a primeira década do século XXI, já não faz mais sentido insistir na tecla de que a educação a distância utiliza novas tecnologias de informação e comunicação. Essa não é mais a novidade. Sendo assim, fica no ar a pergunta: qual é a novidade agora?

CHEGAR MAIS PERTO

Há onze anos, quando a Coordenação Central de Educação a Distância estava nascendo, os profissionais desta área buscavam novas interfaces, menos pesadas e mais atraentes. O objetivo, então, era melhorar o espaço virtual, trabalhando novos conceitos do design gráfico, mais criativos, para tornar o ensino na modalidade a distância mais confortável. Questões de contraste, legibilidade e a própria composição do ambiente estavam mudando para melhor. A CCEAD investiu em interfaces mais interessantes e criou novos padrões para a representação das informações.

"Nosso ferramental também foi incrementado e conseguimos melhorar a interação com nossos alunos. Mas isso já é algo recorrente na educação a distância. Neste momento, estamos investindo bastante em novas formas de trazer o aluno para perto de nós, fazê-lo interagir mais e com qualidade", explica Gilda Helena de Campos, Coordenadora Central da CCEAD.

Hoje, com o uso da web 2.0, além do design didático e do bom texto, o desafio é reduzir distâncias e manter o padrão e a qualidade das aulas, assim como em qualquer curso presencial. Para isso, é preciso alterar o modelo, mais uma vez. Um curso, especialmente na modalidade a distância, não se "faz" sozinho, não pode prescindir de uma figura fundamental: o aluno. É através da sua participação contínua, seja realizando trabalhos ou formando



barreiras

comunidades virtuais de aprendizagem que o processo de educação a distância se completa. A CCEAD está empenhada nisso e acredita na importância de transformar seus alunos em protagonistas: "estudantes participativos melhoram a qualidade dos cursos, é necessário incentivar a interação, assim, aproximamos todos aqueles que estão participando das aulas", afirma Gilda.

Para estimular esta proximidade são utilizadas novas ferramentas, os conteúdos têm uma roupagem mais ágil, há mais links e mais vídeos. Além disso, há novas formas de abordagem do conteúdo.



Ao trabalhar as questões dos cursos fazendo um paralelo com a realidade dos alunos, automaticamente, a participação aumenta. Para que isto aconteça, é fundamental o trabalho do mediador e esta é uma preocupação constante da CCEAD.

"Investimos na nossa equipe porque sabemos como é importante o material humano. Uma boa mediação pode ser a chave de um curso de sucesso, pode derrubar quaisquer distâncias. Queremos que nossos alunos sintam que estamos por perto, mesmo que não seja fisicamente. Este não é apenas o elemento original da educação a distância, mas, atualmente, o seu grande desafio", revela Gilda.

O CAMINHO PERCORRIDO

Desde que foi fundada, a CCEAD busca superar aspectos temporais e geográficos e, assim, desenvolver práticas voltadas para a criação, aperfeicoamento e divulgação de conhecimentos.

Para alcançar este objetivo, a integração didática de diferentes recursos é privilegiada e investe-se em um universo multimidiático no qual vídeos, animações, blogs e teleconferências são amplamente utilizados.

Para se ter uma ideia da magnitude deste trabalho, basta citar os milhares de alunos espalhados pelos quatro cantos do país - muitos vivendo em cidades onde não existe sequer estrada asfaltada - e que recebem educação com a mesma qualidade e excelência de todos os estudantes que frequentam, fisicamente, o campus.

"Quando começamos um trabalho, nossa perspectiva é reduzir os milhares de quilômetros que distanciam a PUC-Rio de tantos potenciais alunos", diz Gilda Helena. Nesse novo contexto, a coordenação realiza um trabalho voltado para o desenvolvimento da cidadania, aproximando e agregando pessoas de realidades diferentes em torno de um mesmo objetivo: a aprendizagem. Desta forma, cursos que antes eram oferecidos apenas nos grandes centros urbanos se tornam acessíveis a alunos de todas as regiões do país.

Este esforço já foi reconhecido. O curso de especialização Tecnologias em Educação, realizado em parceria com a Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação SEED/MEC recebeu o prêmio de Referência Nacional 2007/2008 na modalidade Projeto Acadêmico e o Prêmio e-Learning Brasil na categoria Educacional em 2010/2011. Além deste, a CCEAD PUC-Rio recebeu ainda a indicação de Contribuição Marcante da edição 2008/2009 do Prêmio e-Learning Brasil, na categoria Educacional, com o curso de especialização Formação Política para Cristãos Leigos e Leigas, realizado em parceria com a CNBB/CEFEP. O projeto Condigital,

realizado em parceria com o departamento de Química da universidade, também recebeu o prêmio e-Learning como melhor projeto acadêmico em 2010/2011.

BREVE HISTÓRICO

Para comemorar sua primeira década de atividades, a CCEAD produziu um vídeo institucional que conta sua trajetória de sucesso. Esta história começou em fevereiro de 2000, quando a coordenação foi criada com intuito de viabilizar o desenvolvimento, a coordenação, o apoio e a promoção das atividades de EAD. Assim, assumiu o papel de polo agregador dos trabalhos de educação a distância da PUC-Rio. Em 2001, tornou-se uma Coordenação Central subordinada à Vice-Reitoria para assuntos acadêmicos, o que marcou efetivamente seu nascimento.

Destaca-se, dentre suas diversas realiza-ções, a obtenção do credenciamento da PUC-Rio para o oferecimento de cursos de Pós-Graduação Lato Sensu a Distância nas suas áreas de competência acadêmica e o credenciamento para a oferta de cursos superiores a distância.

A CCEAD oferece cursos de extensão, especialização, graduação, apoio ao presencial (gradua-

ção e pós-graduação), além de cursos corporativos.

Ao atuar em ensino, pesquisa e extensão, a CCEAD PUC-Rio tem como fundamento o desenvolvimento de práticas voltadas para a criação, aperfeiçoamento e divulgação de conhecimentos em EAD, seguindo os indicadores de qualidade estabelecidos pelo Ministério da Educação, não somente com relação aos cursos, mas antes, a toda sua estruturação.

Um dos principais objetivos da CCEAD PUC-Rio é desenvolver programas, projetos e cursos, desde a fase de implantação da cultura de EAD, planejamento e desenvolvimento – o que envolve especificação de conteúdo, design didático, design de interface, programação, implementação, implantação, gestão, monitoramento – até a fase de avaliação.

Comprometida com a pesquisa sobre novos modelos pedagógicos, recursos e tecnologias para a educação a distância, a equipe da CCEAD PUC-Rio criou, em 2002, o Grupo de Pesquisa Cooperação em Educação e Avaliação a Distância em

parceria com o Departamento de Educação. "Esse grupo tem participado regularmente das atividades científicas da área de informática na educação e educação a distância", enfatiza Gilda. Ao todo, são nove participantes, com formação multidisciplinar, que trabalham em parceria com outras universidades, além da cooperação institucional dentro da própria PUC-Rio.

Uma das grandes atividades do grupo de pesquisa é o desenvolvimento de

novas tecnologias aplicadas à educação a distância, por isso, novas experiências sempre são bem-vindas.

Pensar a educação dentro das transformações da vida contemporânea requer velocidade de ação e um constante aperfeiçoamento. Essas novas experiências são motivo de orgulho para a equipe da CCEAD que, ano a ano, vem consolidando sua dedicação à educação e à expansão da excelência da universidade aos quatro cantos do Brasil.



IEX ULIXIONALI INSUXI Expand tambien

Cursos de inglês e espanhol a distância são carta na manga da Federação de Transportes do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro está se preparando para os dois maiores eventos esportivos do planeta. Segundo dados da EMBRATUR, apenas para a Copa do Mundo, em 2014, o Brasil espera receber 600 mil torcedores de fora do país e boa parte deles passarão pela cidade maravilhosa.

Os cariocas, que já têm os braços abertos para estes turistas, precisam agora destravar a língua. Muitos empregados da área de serviços não falam um segundo idioma, o que dificulta bastante a comunicação com os visitantes estrangeiros.

Jorge das Neves Guimarães, fiscal da empresa de ônibus São Silvestre, fez curso de inglês na escola, mas diz que é exceção à regra: "Trabalho na saída do Corcovado e passo meus dias dando informações, chega a ter fila algumas vezes. Se eu ganhasse uma moedinha por cada informação que dou a um turista, sairia daqui com o bolso

cheio, mas não conheço mais ninguém que trabalha comigo que fale inglês", diz.

A maioria dos motoristas e trocadores se comunica utilizando a linguagem universal dos gestos. Jorge diz que existem algumas palavras que os turistas aprendem em português, como praia, por exemplo, mas geralmente, as pessoas usam as mãos para conversar.

Está mais do que na hora de usar as palavras e a Fetranspor (Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro) sabe disso.

Representante de dez sindicatos que reúnem 192 empresas de transporte coletivo e 19 de fretamento e turismo – o que significa 81% do transporte público regular do Estado – a Fetranspor percebeu a importância de incentivar o aprimoramento contínuo dos serviços e valorizar os profissionais do setor.

Uma das medidas tomadas pela Federação foi o desenvolvimento de vídeos educativos que visam ensinar noções básicas de inglês e espanhol para motoristas, trocadores e fiscais: a CCEAD, Coordenação Central de Educação a Distância, foi contratada para produzir este material.

"A série de vídeos foi pensada a partir das necessidades e dificuldades dos trabalhadores. Todo o material foi desenvolvido com base em pesquisa previamente realizada junto à categoria. As situações apresentadas são muito próximas da realidade dos transportes públicos", explica Sergio Botelho do Amaral, responsável pelo projeto.

Espera-se, assim, evitar situações que seriam bastante cômicas, não fossem trágicas... para os turistas. Como foi o caso de uma jovem americana que entrou em um ônibus na Lapa para ir para Copacabana. Chegando ao ponto final, no Grajaú, quis saber onde ficava a praia. Por falta de comunicação, ela não sabia que estava indo

O casal búlgaro Parvan e Irina passou férias no Rio de Janeiro e ficou impressionado com a falta de preparo dos profissionais da área de serviços. "Temos uma enorme dificuldade em usar os transportes aqui. Compramos um bilhete de ônibus que não foi aceito; até agora não sabemos por que isso aconteceu e ninguém conseguiu

nos explicar. Tivemos que comprar as passagens na hora e demos uma nota de R\$ 50,00, mas demoraram muito para nos dar o troco. Muito tempo depois, percebemos que o trocador estava sem notas menores", desabafa Parvan.

Irina lembra que os moradores do Rio de Janeiro são extremamente prestativos. Durante a confusão dentro do ônibus, os passageiros cariocas tentaram ajudar: "as pessoas se esforçaram, foram muito simpáticas, mas isto não é o suficiente. Os profissionais que trabalham diretamente com os turistas deveriam falar inglês. Aliás, temos que fazer sinal para os ônibus? Eles não param em todos os pontos? Ninquém nos disse nada sobre isso".

O espanhol Pedro José Vadillo viveu sete anos no Brasil e diz que, no início, teve muita dificuldade para usar o transporte público no

já que esta é uma cidade que recebe muitos turistas. Sei que o problema não acontece por falta de vontade, motoristas e trocadores realmente não entendem os estrangeiros, mesmo quando eles falam português, afinal, o sotaque é muito diferente. Imagine um americano tentando dizer que quer ir ao Pão de Açúcar?", indaga Pedro.

Adriana Nogueira Nóbrega, professora do departamento de letras da PUC-Rio, coordenou a equipe de conteudistas de inglês e afirma que o objetivo do curso não é ensinar, mas sim conscientizar: "sabemos que ninguém vai aprender inglês assistindo a alguns vídeos de dez minutos. Para este público, o imprescindível é



passar noções da língua e fazer com que conheçam aspectos e diferenças culturais. Além disso, tentamos chamar a atenção para alguns pontos importantes como expressões, por exemplo".

María Celina Ibazeta coordenou, ao lado de Talita Barreto, a equipe de conteudistas de espanhol. Ela explica que o trabalho foi multidisciplinar e isso trouxe uma enorme contribuição para o produto final. "Fizemos uma ponte com os profissionais de audiovisual e eles foram muito criativos em transformar o conteúdo em situações criativas. Foi um processo de muitas idas e vindas, correções, revisões, mas consegui-

mos uma boa integra-

percebido através do excelente resultado. Outro ponto importante foi a preocupação com a aprendizagem. Queríamos produzir algo divertido, mas com qualidade, que envolvesse o aluno e queríamos, também, mostrar a diversidade da língua espanhola. Com certeza, alcançamos estes objetivos".

A Fetranspor espera resolver os principais problemas de comunicação e, em junho, a notícia chegou aos motoristas, trocadores e fiscais com o lançamento do programa. Alguns dizem que há boatos sobre um projeto de aulas de inglês e espanhol de forma continuada após esta primeira fase do projeto.

O fiscal Jorge, aquele que ficaria rico se cobrasse uma moedinha por cada informação, acha que um curso de idioma seria fundamental, ajudaria todo mundo, mas tem que acontecer antes de 2014.

De fato, os planos da Fetranspor são de distribuição dos vídeos em 2011, portanto, com tempo suficiente para que os profissionais da área estudem. Os motoristas de ônibus poderão dizer, sem precisar tirar as mãos do volante, yes, we speak english.



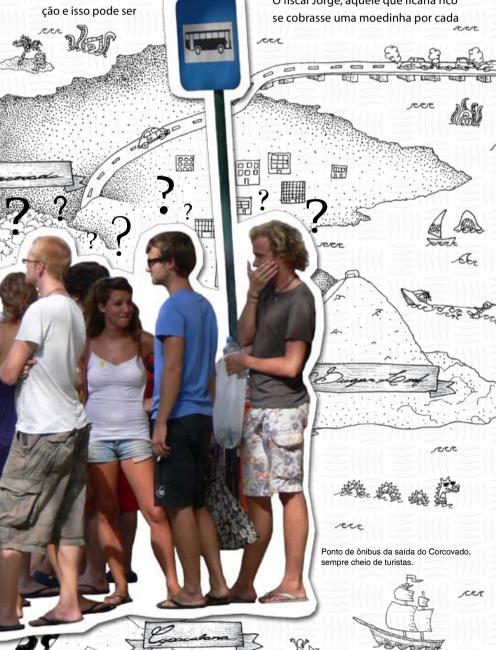
O fiscal Jorge aprendeu inglês na escola: "passo meus dias dando informações, chega a ter fila algumas vezes."



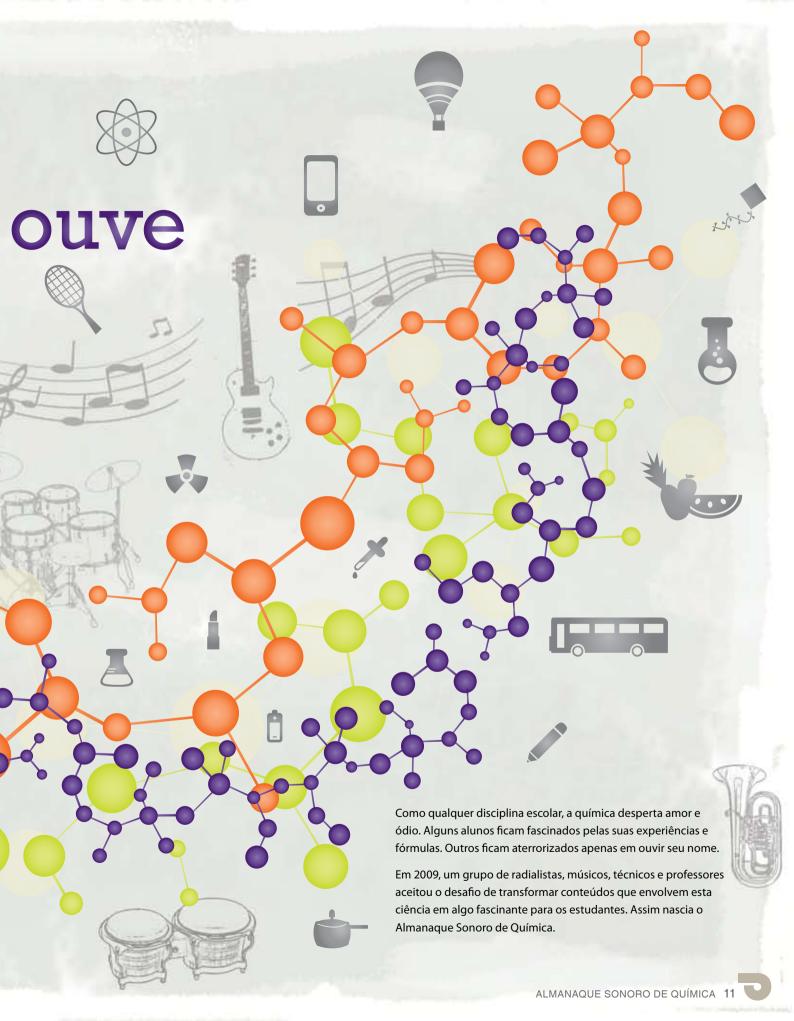
Dificuldades de comunicação: o casal de búlgaros Parvan e Irina teve o bilhete de ônibus negado e o trocador não soube explicar o motivo.



O espanhol Pedro Vadillo viveu sete anos no Brasil: "sei que a falta de comunicação não acontece por falta de vontade.'







Para entender como tudo começou é preciso voltar um pouco no tempo e ir até 2007, quando o Ministério da Educação cria o Condigital, um projeto que tem como meta a produção de conteúdos educacionais digitais multimídia (audiovisual, áudio, simulações, animações e museu virtual) voltados para o Ensino Médio.

A PUC-Rio foi uma das instituições escolhidas para conceber os produtos de química e Claudio Perpetuo, Coordenador de Criação e Desenvolvimento da CCEAD PUC-Rio, assumiu a tarefa de conduzir o projeto de áudio. "Naquela época, reencontrei um amigo antigo, o Guto Goffi. Comentei sobre o Condigital, ele ficou super interessado e me ajudou a reunir os profissionais que iriam ajudar a transformar as nossas ideias em algo real, concreto", explica Perpetuo.

Além de Claudio Perpetuo e Guto Goffi, baterista do Barão Vermelho, participaram do projeto Amaury Santos, locutor da rádio MEC, Luiz Santoro, radialista e jornalista, Francisco Barbosa, apresentador da Rádio Tupi, Luciano Lopes e Claudio Gurgel, músicos e responsáveis pela parte técnica, entre outros.

Foram doze meses de muito trabalho. Felizmente, o reconhecimento ocorreu da melhor maneira possível: na avaliação do MEC, o Almanaque Sonoro de Química recebeu pontuação máxima e várias escolas já estão utilizando o material produzido.

Reunidos na sala da casa de Guto, o grupo recordou o início do trabalho e relembrou histórias vividas ao longo de um ano de intensas atividades.

Convidamos você a participar deste bate-papo e descobrir que a fórmula para se fazer um bom programa de rádio está nos corações (e nas vozes) de quem prepara a receita.

O Almanaque Sonoro de Química recebeu pontuação máxima na avaliação do MEC e várias escolas já estão utilizando o material produzido.

Luiz Santoro – Nós todos ficamos fascinados pelo projeto e entendemos, imediatamente, que poderíamos colaborar com o ensino de química do Ensino Médio. Desde o início, ficou claro que não daríamos aula, inclusive, esta era uma exigência do edital. O que fizemos foi criar "boas histórias" para despertar nos alunos o interesse pela química. E isso nos deu um prazer enorme.

Amaury Santos – Foi nesta mesma sala, onde estamos conversando agora, que nos reunimos para discutir as ideias e foi sugerido o formato de rádio-revista. O Perpetuo lembrou bem que o rádio é o elemento 88 da Tabela Periódica, daí surgiu a ideia da "88. A rádio que irradia a química do dia a dia". Quem escutar o programa vai reparar que todos os nomes têm um significado, por exemplo, o apresentador Áureo **Prata**, o professor **Hélio**, o Darcy Licio (**Silício**), o perito **Berílio** e assim por diante.

Francisco Barbosa – Estávamos tranquilos porque sabíamos que havia grandes profissionais trabalhando conosco. Além do Santoro, que é formado em química e nos ajudou bastante, havia também o Amaury, colaborando com a parte pedagógica. Além disso, os músicos eram muito criativos e o Perpetuo, trabalhando também como roteirista, captou a linguagem do rádio e conseguiu inovar para este formato. Transformamos o quimiquês em linguagem de rua.

Claudio Perpetuo – Quebramos paradigmas, usamos a ideia dos festivais com estrelas da MPB na rádio educativa, fizemos repentes, hip-hop, rádio-novela de suspense, programas de auditório; o mais bacana de todo este processo foi a "química" entre os participantes da equipe. Foi uma experiência especial e única. Ficávamos ansiosos para nos reunir novamente e dar continuidade ao trabalho.



O que fizemos foi criar "boas histórias" para despertar nos alunos o interesse pela química. E isso nos deu um prazer enorme.

Luiz Santoro – Isso é importante enfatizar: havia pessoas renomadas participando do projeto. Além da equipe permanente, também participaram Cleyton e Cledir, George Israel, Marcos Palmeira, Tony Garrido, Carlos Minc, Marcos Veras, Maurício Manfrini, Simone Molina, Henrique Cazes, Aleh, enfim, pessoas de peso, amigas, que voluntariamente contribuíram para a elaboração do Almanaque Sonoro. Claro que deu trabalho acertar o ritmo, afinal, estávamos buscando um dinamismo típico de rádio.

Guto Goffi – No início, nós, da equipe musical, achamos estranha a orientação dos radialistas na hora da edição; eles estavam sempre pedindo para cortar e colar nossas trilhas, sonoplastias, baixar os volumes e por aí vai. Não demorou para percebermos que existe um *timing* e ritmo próprios no formato radiofônico. Foi preciso fazer esta adaptação e tudo deu muito certo.

Luciano Lopes – Vale ressaltar que esse *timing* dos programas de rádio, de curta duração, foi fundamental; tem a ver com arquivos de áudio a serem disponibilizados na web. A ideia é que possam ser baixados a qualquer momento para uso em diferentes formatos (celulares, ipods, laptops etc.).

Amaury Santos – Isso é que é o mais interessante: o rádio virou formato sonoro, se desvinculou daquela caixinha e hoje é ouvido através da internet, do celular...

Nunca se ouviu tanto rádio e música como se escuta hoje. E nem sempre no rádio, o que é bastante curioso.

Guto Goffi – Isso mesmo! E apesar do nosso programa ter esta característica moderna e poder ser acessado a partir de qualquer lugar, a qualquer hora, ele mantém a alma do rádio antigo, te permite imaginar. Lembro da maravilha que era escutar a narração dos jogos de futebol. Tempos depois, quando passei a assistir aos jogos, percebi que grande parte da beleza estava no que o locutor ilustrava.

Francisco Barbosa – É verdade. O rádio nos faz sonhar. Ao contar uma história no rádio, esta história tem **as cores de quem ouve**. Você imagina da melhor ou da pior maneira possível cada episódio, você consegue ver os personagens. Melhor do que enxergar a história é enxergar a sua melhor história.

O mais bacana foi a "química" entre os participantes da equipe. Foi uma experiência especial e única.



O rádio virou formato sonoro, se desvinculou daquela caixinha e hoje é ouvido através da internet, do celular... Nunca se ouviu tanto rádio e música como se escuta hoje.

Francisco Barbosa – Confesso que achava química uma chatice. Depois dessa experiência, me apaixonei por esta ciência e posso dizer isso em nome de todos nós. Sem dúvida, a maneira de trabalhar o conhecimento, hoje, tem que ser mais interessante; acredito que o Condigital permitiu uma excelente contribuição neste sentido.

fizemos uma ponte entre o Ensino Médio e o mercado de trabalho e investimos em recursos capazes de dar aos ouvintes meios para uma aprendizagem significativa. No Almanaque Sonoro fica claro (em alto e bom som) que todo aprendizado pode ser prazeroso e divertido.



Luciano Lopes - músico e técnico de som

Francisco Barbosa - locutor e âncora dos programas

Claudio Perpetuo - diretor geral e roteirista

Luiz Santoro – Imagina isso numa sala de aula! Permite ao professor trabalhar sua aula de uma forma ainda mais interessante, motivadora para o aluno.

Luciano Lopes – Essa ideia de haver química por todo o lado fica bem evidente no Almanaque Sonoro; ele foi dividido em temas (lixo, combustíveis, cosméticos etc.), e, dessa forma, os programas se aproximaram da realidade e do dia a dia de todos.

Claudio Perpetuo – Além disso, é importante dizer que não há nenhum conteúdo para ser decorado. Criamos quadros, personagens e situações que mostram para o aluno como a química está presente e pode ser aplicada no seu cotidiano. Também achamos que seria fundamental mostrar que o Brasil é um bom exemplo para o mundo. Somos referência em estudos sobre o genoma, nos destacamos em bioquímica, cosméticos, embalagens, agricultura, combustíveis renováveis e por aí vai. Nesse sentido,

Sem dúvida, a maneira de trabalhar o conhecimento, hoje, tem que ser mais interessante.

Amaury Santos – Também é legal lembrarmos que aconteceram algumas "intervenções" divinas ao longo deste trabalho. Por exemplo, a participação do Claudio Gurgel, convidado para trabalhar como músico. Descobrimos que ele é neto do Amaral Gurgel, um dos maiores novelistas de rádio que o Brasil já teve.

Toda a equipe do Almanaque Sonoro, e em especial, os professores e conteudistas que nele trabalharam, entende que este trabalho precisa de divulgação. Pensando nisso, Claudio Perpetuo criou um espaço na internet onde os programas estão disponíveis para professores, alunos e qualquer pessoa que queira conhecer o trabalho.

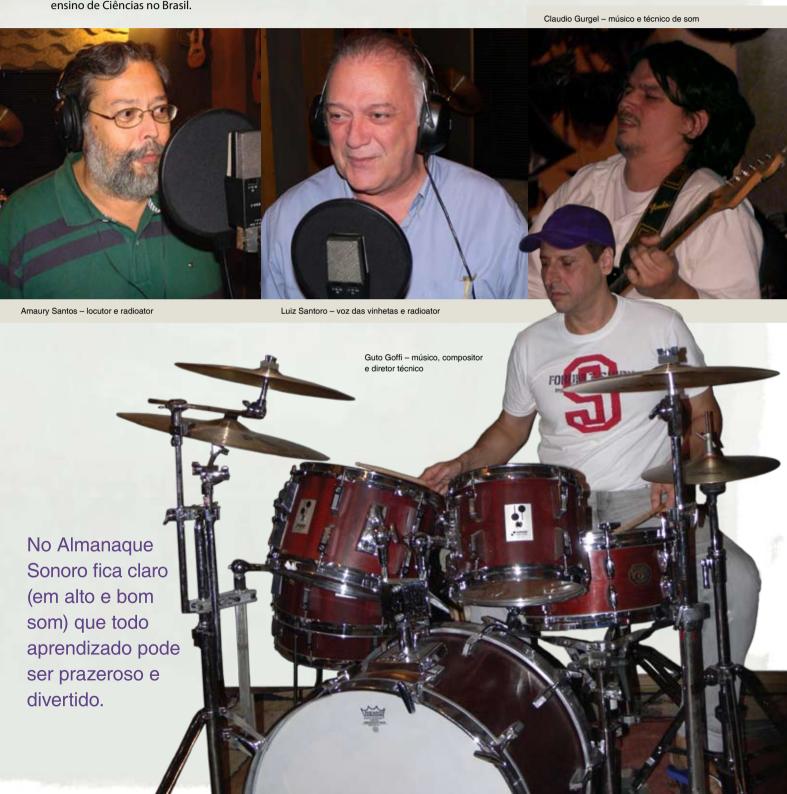
Apesar do nosso programa poder ser acessado a partir de qualquer lugar, a qualquer hora, ele mantém a alma do rádio antigo, te permite imaginar.

O endereço é: http://www.almanaquesonoro.com.br/quimica

O site já foi acessado por várias pessoas em Portugal, Estados Unidos, Itália e até na China, além do Brasil, é claro, onde os acessos crescem diariamente.

Os participantes deste trabalho se sentem gratificados e torcem para que esta não seja uma experiência isolada, mas o ponto de partida para uma revolução sonora em favor da educação e do ensino de Ciências no Brasil.

Essa ideia de haver química por todo o lado fica bem evidente no Almanaque Sonoro; ele foi dividido em temas e, dessa forma, os programas se aproximaram da realidade e do dia a dia de todos.



<u>Interseçãq na educação</u>

s salas de aulas estão repletas de alunos que fazem suas anotações em laptops, consultam a internet através de celulares e fazem pesquisas em seus ipads.

A PUC-Rio já percebeu que não pode ignorar esta nova realidade e vem trabalhando para utilizar as tecnologias como ferramentas didáticas para alunos matriculados em todas as faculdades.

Acompanhando as transformações do século XXI, a universidade tem como meta criar um ponto de interseção na educação, um espaço onde convivam em sintonia o ensino presencial e o ensino a distância.

Para entender melhor estas ideias, conversamos com o Vice-Reitor Acadêmico da PUC-Rio, professor José Ricardo Bergmann, que explicou o que são estes projetos.

Por que usar as tecnologias no ensino presencial?

A universidade está preocupada em aprimorar suas técnicas de ensino, além de melhorar o atendimento ao aluno. Há, atualmente, uma revolução tecnológica que não podemos ignorar. Temos que utilizar estas tecnologias de acesso à informação a nosso favor. A internet é um meio de difusão e um meio didático.

Não podemos esquecer, também, que os alunos estão acostumados com estas tecnologias, têm muita facilidade em usá-las e sabem como trabalhar usando estes recursos, afinal, elas fazem parte de suas vidas.

Nosso objetivo é usar este meio para motivar nossos alunos, transformar a internet e todas as ferramentas da educação a distância como aliados do ensino presencial, fazendo com que os estudantes acessem com mais frequência as informações de seus cursos.

Como surgiu esta ideia?

Nós vemos, claramente, a facilidade com que os alunos utilizam as ferramentas digitais, portanto, é natural que a universidade pense em utilizar a internet para disponibilizar aos alunos uma série de informações que os ajude na experiência acadêmica. Pretendemos oferecer um complemento das atividades dos cursos, algo que vá além das aulas presenciais.

Tenho certeza que os alunos vão gostar destas novas ideias, pois é uma linguagem mais adequada a esta época. Os alunos gostam do mundo virtual. Certamente, ficarão contentes em ter acesso ao conteúdo das aulas através da internet e isso servirá como estímulo, temos que usar isto como motivação ao ensino.

Quais as vantagens de introduzir tecnologias da informação ao apoio presencial?

Acreditamos que isto dará mais agilidade ao curso. Por exemplo, os professores poderão usar um vídeo, um recurso gráfico, entre outras possibilidades, para melhorar o aprendizado.

A universidade sabe que além das atividades acadêmicas, os estudantes têm interesse em realizar outras atividades como um complemento de sua formação. Muitas delas estarão disponíveis na internet.

Outra vantagem é a possibilidade dos alunos gerenciarem seu tempo de estudo, o que será de grande utilidade, afinal, todo este material ficará à disposição para ser consultado em qualquer horário e local.

Há, atualmente, uma revolução tecnológica que não podemos ignorar. Temos que utilizar estas tecnologias de acesso à informação a nosso favor."

Esta é uma mudança significativa. Como está sendo a recepção por parte, principalmente, dos professores?

Esta é uma mudança para alunos e professores, principalmente para professores, já que é uma novidade para nós. Existem muitos cursos já disponíveis na internet, há professores que têm o costume de colocar seu material na rede e de de conversar com os seus alunos através da internet. Eu passo bastante tempo





Fretendemos que se inicie na universidade uma reflexão sobre o uso das tecnologias como apoio ao presencial."

conversando com alunos através da internet. O que a universidade pretende é continuar fazendo isso, porém, de forma mais institucional e organizada. Assim, poderemos usar as ferramentas adequadas para atender e se comunicar com os alunos de cada curso, respeitando suas peculiaridades.

Os professores estão sendo preparados para trabalhar com estas ferramentas?

Na medida em que existir uma demanda, vamos oferecer capacitação aos professores. Podemos ensiná-los a usar as plataformas existentes para que eles comecem a criar. Porém, nossa estratégia neste momento é estimular um curso a usar as ferramentas e esperamos que ele sirva de exemplo para os demais. Pretendemos que se inicie na universidade uma reflexão sobre o uso das tecnologias como apoio ao presencial.

O que já está sendo feito?

A CCEAD tem onze anos de experiência em educação a distancia e o trabalho que realiza é muito bem avaliado e qualificado. Estamos trabalhando para trazer este caso de êxito para dentro da universidade, disponibilizando esta mesma experiência para nossos alunos. Pretendemos usar a CCEAD como polo de criação desse material de apoio ao presencial.

Além disso, temos um portal com várias ferramentas, isto já é uma vantagem. Não precisamos criar algo completamente novo, mas utilizar estas ferramentas que já estão disponíveis. Existem, também, experiências de sucesso que gostaríamos de expor aos nossos professores. Assim, eles poderão utilizar as ferramentas e as ideias para criar e organizar metodologias em seus cursos.

Você falou sobre experiências de sucesso. Quais são elas?

O curso de graduação em História a distância, por exemplo, que foi uma experiência extremamente positiva. Muitos discutem a eficiência e eficácia das tecnologias, mas é inegável que este curso contribuiu para a formação dos professores participantes e haverá mudanças significativas nas escolas onde eles atuam.

A utilização da internet como meio pedagógico tem um efeito multiplicador muito grande. É evidente que nos preocupamos

com a qualidade dos nossos cursos, portanto, faremos a inserção das tecnologias com muito cuidado para manter a qualidade com a qual estamos habituados.

Existem cursos presenciais com aulas a distância?

Sim, mas já existem alguns cursos da universidade que são oferecidos nas modalidades presencial e a distância. São cursos básicos e obrigatórios, como Cultura Religiosa e Introdução à Filosofia, de grande demanda, com um número alto de alunos. É difícil oferecer horários flexíveis a todos, se fizéssemos isso, ocuparíamos um grande espaço da universidade, por isso, criamos a modalidade a distância. Esta experiência foi extremamente bem sucedida e os cursos são de grande qualidade e isso nos motivou a ampliar a experiência. O próximo passo é a utilização das tecnologias como complemento e apoio ao presencial. Esperamos aprender com isso, ver como os alunos reagem, ouvir suas opiniões e, assim, alargar este horizonte gradativamente.

Até onde este tipo de apoio ao presencial pode chegar?

A legislação permite que até 20% dos cursos sejam oferecidos a distância, mas nossa intenção não é chegar a este percentual. Não temos este interesse, ao contrário, queremos manter as aulas presenciais porque sabemos que elas são importantes. Na sala de aula, é possível estabelecer uma comunicação direta entre professor e aluno, mas existe uma nova possibilidade que é a extensão desta comunicação através de ferramentas digitais. Queremos utilizar as mídias que são populares entre os estudantes para estender este contato.

A utilização da internet como meio pedagógico tem um efeito multiplicador muito grande. É evidente que nos preocupamos com a qualidade dos nossos cursos, portanto, faremos a inserção das tecnologias com muito cuidado para manter a qualidade com a qual estamos habituados.

O garoto da laje

Cursos comunitários abrem as portas das universidades para jovens carentes

aniel de Oliveira Lima nasceu e viveu toda a sua vida em uma comunidade de Sulacap. Determinado a entrar na universidade, encarou o desafio de estudar por conta própria as matérias do vestibular. Passou para a UERJ e, em 2008, formou-se em matemática.

Esta teria sido mais uma história de motivação e superação, não fosse um pequeno detalhe: Daniel não queria mudar apenas a sua história, ele queria mudar também a história e o destino de inúmeras crianças de comunidades carentes que sonham com a universidade, mas não têm base para aprovação nas disputadas provas de vestibular. Reuniu, então, dois amigos e iniciou um curso preparatório na laje de casa. "Ficamos lá por dois anos. Quando chovia, tínhamos que guardar rápido o quadro de giz, ficava tudo alagado; nos dias de calor, as crianças não conseguiam prestar atenção na aula porque era realmente muito quente. Dos dez primeiros alunos, dois conseguiram entrar na universidade", lembra.

Enquanto Daniel sonhava com um mundo melhor do alto da sua laje, na PUC, o professor José Carmelo Braz de Carvalho dava continuidade a um trabalho que havia começado em 1993 com uma turma de alfabetização de adultos.

"Foi um processo gradativo. Começamos em 1998 com classes comunitárias para analfabetos adultos e em 2005 decidimos organizar cursos de formação sobre a matriz do ENEM, em apoio aos pré-comunitários. Antes do PROUNI, a universidade patrocinava mais de 700 bolsas e tinha um cadastro de vários cursos", explica Carmelo.

A partir deste trabalho, iniciou-se uma discussão acadêmica voltada para a questão pedagógica dos cursos pré-vestibulares. O resultado foi a publicação de um livro, em 2005, chamado *Espaço de mediações pedagógicas*, mas havia ainda um longo caminho a ser trilhado.

"Quando chovia, tínhamos que guardar rápido o quadro de giz, ficava tudo alagado."





Os pré-tecs

Três anos mais tarde, a PUC decidiu trabalhar também com cursos pré-técnicos comunitários. Carmelo diz como foi a experiência: "Muitos pensam que os prétécnicos não dão prestígio e vários alunos só procuram os cursos por insistência dos pais. Achamos importante mudar este pré-conceito. Preparamos os professores comunitários para lidar com esta situação. Incentivamos o desenvolvimento de projetos de política pedagógica e publicamos um livro com os trabalhos produzidos.

"Incentivamos o desenvolvimento de projetos de política pedagógica e publicamos um livro."

Iniciamos este curso no segundo semestre de 2009 com a aprovação da Vice-Reitoria Comunitária. Um tempo depois, surgiu a ideia de oferecer o curso a distância, sem custos. Foi, então, que a Coordenação Central de Educação a Distância entrou no projeto".

Um dos frutos deste trabalho foi a publicação de mais dois livros sobre as classes comunitárias pré-técnicas.

Quando isto aconteceu, o cursinho de Daniel já não estava mais na laje. A Igreja Batista Betânia acreditou na ideia e incordando aula de pré-vestibular. Neste ano, dos 35 alunos, cinco passaram. Hoje, a Igreja tem um espaço voltado exclusivamente para o trabalho social, é o CCAS, Centro de Cidadania e Atividades Sociais. No momento, funcionamos dentro desta instituição que não tem fins lucrativos e atende a comunidade carente nas áreas de saúde, educação, capacitação profissional, pessoal e emocional".

Foco na pedagogia

Cândido Rafael Mendes conheceu e





pedagogos, psicólogos e profissionais do serviço social que tomam conta de cinco turmas", explica.

A pastora e assistente social Davina Castro, responsável pelo CCAS, oferece todo o apoio para o grupo: "nossa prioridade é o ensino. Aqui é um espaço para servir a comunidade. Não é eclesiástico, é social, educativo", diz.

A PUC entrou na vida desses jovens quando Daniel e Rafael fizeram o curso voltado para pré-vestibular em 2008 e participaram como alunos do curso pré-técnico em 2009. Rafael diz que se transformou em outro professor depois desta experiência. Cintia Costa, professora de biologia,

também fez o curso e, para ela, foi muito importante: "é um curso de educação comunitária. Sentimos segurança e assim, passamos segurança aos nossos alunos. Sabemos que precisamos transmitir valores, mas também precisamos fazê-los passar. Trabalhamos para isso", diz Cintia.

O professor Carmelo explica qual é a função do curso oferecido pela PUC: "sabemos que as classes comunitárias não podem trabalhar como as escolas regulares, aliás, este é o bordão dos professores dos pré-técnicos comunitários. Por isso, nosso curso foi desenvolvido para ensinar a trabalhar pedagogicamente com estes adolescentes carentes".

"Sabemos que precisamos transmitir valores, mas também precisamos fazê-los passar. Trabalhamos para isso."

Rafael dá um exemplo de como isso funciona na prática. Exibe, orgulhoso, o material doado por um curso pré-técnico e ressalta, "usamos estas apostilas, que aliás são excelentes, mas com a nossa didática".

Em 2010, Nilton Junior, que também fez o curso da PUC e trabalha como voluntário ao lado de Daniel e Rafael, propôs que fosse organizado um novo curso, voltado para os alunos do Ensino Médio. Ele explica de onde surgiu a ideia: "Sugeri trabalhar com os alunos desde o primeiro ano porque o ensino seria defasado se fosse só dado no 3º ano. Infelizmente, ainda não temos estrutura para acompanhar aqueles que desistem de terminar os cursos, mas ao trabalharmos com estes alunos desde o primeiro ano, somos capazes de mudar a mentalidade deles; com certeza, o índice de abandono será menor".

Futuro promissor

Nilton aproveitou as disciplinas do curso da PUC para montar um curso de Ensino Médio. A preocupação não é apenas passar, mas fornecer uma base sólida para os estudantes e mais, discutir com eles a questão da educação.

Daniel, Rafael, Nilton, Cintia e todos os voluntários que estão empenhados em mudar a realidade de tantos jovens de comunidades carentes sabem que não podem, nem devem substituir o Estado. Como explica o professor Carmelo, "já que o governo não é capaz de garantir o direito de todos no que se refere à educação, então, as classes comunitárias correm atrás para suprir esta carência".

A corrida é tão intensa que os voluntários do curso comunitário da Igreja Batista Betânia já têm missão, visão e valores bem definidos, como em qualquer grande empresa: "estamos lutando para construir uma ONG, o Instituto Bem", explica Rafael. "E daqui a dez anos, queremos construir uma escola comunitária", completa Daniel. Deste jeito, a corrida os levará longe. Da laje para o mundo.

O que são os pré-técnicos?

Igrejas, ONGs e associações de moradores de comunidades carentes oferecem cursos pré-vestibulares e pré-técnicos em prol da inclusão educativa e sócio-profissional de inúmeros adolescentes comunitários. Desde 2005, a PUC-Rio decidiu se unir a estas instituições. Como explica o professor José Carmelo Braz de Carvalho, "é muito importante que a universidade se conscientize do seu papel social".

Carmelo explica que o estrangulamento nas trajetórias dos alunos pobres acontece ao final do ensino fundamental, entre os adolescentes de 13 e 14 anos: "existe uma perversa segregação quantitativa e, também, qualitativa. Os jovens concluem o ensino fundamental com domínio pleno do conteúdo apenas da 4ª série primária, ou seja, estão abortados da cidadania escolar fundamental. Lutamos justamente contra isso".

A PUC-Rio criou o Núcleo de Apoio Pedagógico às Classes Comunitárias, o NAPC, um espaço de diálogos entre os saberes e as práticas dos educadores comunitários e os conhecimentos de seus parceiros na academia e nos sistemas de formação profissional.

A Coordenação Central de Educação a Distância participa deste trabalho oferecendo cursos de formação docente semipresenciais. Ciléia Fioroti do Amaral é responsável pela administração das turmas nos ambientes virtuais e explica qual é o principal objetivo destes cursos: "oferecemos uma fundamentação pedagógica em apoio ao trabalho dos educadores comunitários e incentivamos o desenvolvimento de materiais didáticos e procedimentos psicossociais".

Existem cerca de dez cursos pré-técnicos trabalhando em parceria com a PUC-Rio e novas turmas são organizadas todos os anos.

"O cursinho comunitário foi fundamental para eu passar".

João Viegas entrou na faculdade de comunicação da PUC-Rio em 2011, após cursar o pré-vestibular da Igreja

Batista Betânia. Ele conta como foi a experiência de participar de um curso comunitário.

"Sempre soube que iria entrar na universidade, esta era a minha vontade porque acreditava, e ainda acredito, que um curso superior é essencial para a minha vida profissional. Não se aprende apenas o que é ensinado na sala de aula, mas também com as pessoas, sem contar que aqui é possível criar um network que irá me ajudar bastante no futuro. Fiz o Ensino Médio técnico e me interessei pela área de comunicação. Decidi que faria vestibular para esta área. No final de 2009, entrei na turma de pré-vestibular da Igreja Batista

Betânia, mas estudei pouco e não passei no vestibular. Em 2010, estudei para valer, me dediquei.

O cursinho comunitário foi fundamental para eu passar. Lá, não são apenas as aulas que têm importância. O incentivo que é dado aos alunos para estudar também é essencial. Além disso, eles valorizam muito o aprendizado de fora da sala de aula, nos ensinam que é preciso ler revistas, jornais, ficar atento ao mundo ao nosso redor. Há uma preocupação com o lado cultural, os professores nos lembram que é importante ter uma base cultural, não apenas para passar no vestibular, mas para a vida. Tenho muita vontade de voltar no cursinho comunitário para ajudar outras pessoas. Eles me ajudaram e quero retribuir, afinal, entrar na faculdade, foi um passo grande para mim e sei que será para outras pessoas".



Challenges 2011

por Stella Pedrosa

O *Challenges 2011* é um espaço de debate sobre as TICs no planejamento e desenvolvimento da educação. Em sua sétima edição, que ocorreu este ano, tive a oportunidade de apresentar parte do trabalho realizado pela CCEAD.

Nos dias 12 e 13 de maio de 2011, na cidade de Braga, Portugal, foi realizada a VII Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – *Challenges 2011* – o evento, organizado pelo Centro de Competência da Universidade do Minho, tem como objetivo debater e refletir sobre as tecnologias de informação e comunicação no planejamento e desenvolvimento da educação.

Realizado a cada dois anos, já em sua sétima edição, o *Challenges* é uma referência no meio acadêmico internacional, contando com a participação de pesquisadores e professores de vários países. O idioma predominante no evento é o português, mas também foram realizadas apresentações em inglês e espanhol.

O tema da *Challenges 2011* foi *Perspectivas de Inovação*. Nos últimos encontros, os trabalhos vêm sendo agrupados em torno de 3 eixos: *Ambientes Emergentes*, *O Digital e o Currículo e Avaliação Online*. Além da apresentação das comunicações e pôsteres, foram realizados painéis de especialistas para cada um dos eixos temáticos, uma conferência plenária na abertura e uma de encerramento. Na presente edição, segundo informação dos organizadores, dentre os textos publicados no *Livro de Actas*, além dos de Portugal e do Brasil – países com o maior número de participantes – estavam presentes trabalhos da Espanha, Eslovênia, Grécia, Hong Kong e Paquistão.

O evento, além de facilitar o contato com avançadas tecnologias – apresentadas em momentos específicos para isso – e experiências exitosas em diferentes recantos e nos diversos níveis de ensino, trouxe também a oportunidade de aproximação com os desafios e as oportunidades encontradas pelos países que necessitam acelerar sua incursão no uso das mais recentes tecnologias voltadas à informação e à comunicação. Como exemplo, cito a apresentação das estratégias adotadas por uma universidade de Moçambique na sua busca da disseminação do uso de ferramentas Web 2.0 bem como as dificuldades de infraestrutura tecnológica e de literacia digital e os benefícios encontrados nas áreas pedagógica, científica e administrativa.

Neste evento apresentei uma comunicação com base no artigo *A Perspectiva Formativa dos Guias Didáticos no Contexto de Conteúdos Digitais Multimídia*, escrito em parceria com Tito Tortori. Nele, resumimos algumas reflexões surgidas durante a concepção, produção e elaboração dos guias didáticos do professor que acompanham os objetos de aprendizagem audiovisuais do Projeto Conteúdos Educacionais Digitais Multimídia (Condigital). Tais conteúdos, para a área de química, foram desenvolvidos na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) pela Coordenação Central de Educação a Distância (CCEAD), em parceria com o Departamento de Química, por demanda da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação.

66

O evento trouxe
a oportunidade
de aproximação
com os desafios e
as oportunidades
encontradas
pelos países que
necessitam acelerar
sua incursão no uso
das mais recentes
tecnologias voltadas
à informação e
à comunicação

No referido trabalho apresentamos as justificativas pedagógicas dos guias didáticos, confrontadas com o perfil do professor de química brasileiro e, ainda, o alcance previsto para os guias e as possibilidades de seu uso na formação inicial em cursos de licenciatura de química e em momentos de formação continuada do professor que atua na área de química, lembrando que, com muita frequência, ele não tem uma formação na área. Após a apresentação, foram levantadas questões sobre os meios de disponibilização de nosso trabalho e como estamos realizando a sua avaliação.

Conhecer professores e pesquisadores, ouvir relatos e debater sobre trabalhos exitosos ou não, concluídos ou em desenvolvimento, contribuem para o crescimento individual e para expansão da rede de contatos. Não há dúvida que, como propõe o evento, temos como desafio identificar perspectivas de inovação no campo educacional – tanto da prática quanto da pesquisa – e esta foi uma boa oportunidade para tal. São muitos os desafios que a sociedade digital apresenta e o cenário de ligações em rede – de pessoas, conteúdos, instituições – provoca e favorece o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos colaborativos para a inovação de modelos e práticas pedagógicas.

Durante dois dias buscamos respostas e levantamos novas questões. Mas se oficialmente o evento terminou, a disseminação da informação e a construção do conhecimento, não. Temos um grande número de participantes interagindo no Facebook, onde são postadas notícias e vídeos relativos ao evento. Afinal, a oitava edição do evento está prevista para 2013, mas não podemos aguardar parados!



Cartaz oficial do evento

São muitos os desafios que a sociedade digital apresenta e o cenário de ligações em rede – de pessoas, conteúdos, instituições – provoca e favorece o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos colaborativos para a inovação de modelos e práticas pedagógicas



OS PRIMEIROS PASSOS

No ano em que o MEC lançou o Programa Pró-licenciatura II, o então Vice-Reitor Acadêmico da Universidade, Danilo Marcondes, atento para as novas oportunidades, reuniu os coordenadores de licenciatura e sugeriu que os departamentos interessados em participar do programa elaborassem um projeto.

O professor Luís Reznik, então Coordenador de Graduação de História, lembra que seu departamento prontamente se engajou: "nosso corpo de professores é muito interessado na área de ensino, esta é uma característica boa nossa. Temos pesquisadores de ponta preocupados com a educação dentro da universidade e também no ensino de base, portanto, decidimos aceitar o desafio. O edital exigia uma parceria entre duas universidades, uma delas pública. Fizemos um trabalho em conjunto com a UERJ, mas a cabeça do projeto era a PUC e fomos muito bem avaliados pelo MEC".

O curso contou, inicialmente, com mil alunos do Maranhão, Sergipe, Ceará e Bahia. O professor Reznik assumiu a coordenação geral do curso e o professor Ilmar Rohloff aceitou ser o Coordenador Acadêmico. Entre o segundo semestre de 2005 e o primeiro semestre de 2006, a nova equipe já se reunia constantemente para discutir detalhes do trabalho que estava prestes a começar.

"Não tínhamos ideia do tamanho do desafio. Muitas pessoas nos davam os parabéns, mas achavam que éramos doidos. A então Decana do CCS, Gisele Citadino, nos incentivou muito e admirava nossa coragem. Costumava dizer para o professor Ilmar que ele tinha muita energia. Somos assim mesmo, não podemos ficar parados, não é?", indaga Reznik.

Nova receita

O principal desafio do novo curso era sua formatação inédita. Os professores seguem, geralmente, uma tradição oral e as aulas acontecem através de uma conversa olho no olho. A graduação a distância precisaria, necessariamente, ser escrita. Uma parte significativa dos docentes do Departamento de História da PUC-Rio nunca tinha seguer pensado em passar suas aulas para o papel.

"Foi aí que percebemos, pela primeira vez, que as coisas não seriam tão simples. Numa sala de aula, há o debate e podemos ver a reação dos alunos. Os textos do curso a distância precisavam suscitar a mesma discussão, a mesma curiosidade, mas precisavam, também, ser apresentados em um formato conciso", explica Reznik.

Os responsáveis pela elaboração das aulas tinham uma certeza: o curso não poderia, de forma alguma, ser um mero tira-dúvidas. Para isso, foram realizadas inúmeras reuniões, em que as metodologias eram pensadas e repensadas. Junto com a CCEAD, foi determinado um modelo de aula, com o enquadramento dos textos dentro de padrões bem definidos.

Para Reznik, estes textos representam as aulas presenciais: "não tenho a menor dúvida de que as aulas presenciais e a distância são intercambiáveis. Para alunos com disciplina, autonomia e certa bagagem, isto é perfeitamente possível. Não estou propondo acabar com o ensino presencial, de forma alguma, mas não tenho dúvidas de que podemos ter aulas riquíssimas pela web. Eu tinha uma desconfiança em relação à educação a distância, mas hoje, sou um entusiasta. É perfeitamente plausível produzir resultados de ótima qualidade".



Reznik lembra, ainda, que o curso a distância tem a vantagem de obrigar o aluno a ler, escrever e participar mais. Em salas de aula, é comum que grande parte dos estudantes tenha pouca ou nenhuma participação, muitos não abrem a boca ao longo de todo o semestre.

No formato criado pela PUC-Rio, o centro da relação estava no fórum de debates, a chamada sala virtual. Apesar de haver mil alunos inscritos, as turmas eram de aproximadamente trinta pessoas, avaliadas por suas participações. Professores e tutores estimulavam, constantemente, o debate.

O PERFIL DOS ALUNOS

Os alunos do curso a distância enfrentaram uma grande dificuldade: o precário acesso à internet. Em 2006, muitos estados ainda não tinham banda larga e inserir os alunos no mundo digital foi preocupante. A inclusão digital era precária, principalmente no Maranhão e no Ceará.

Dos mil alunos que se matricularam no curso, mais de 800 viviam fora das capitais, em pequenas cidades e vilarejos que estavam a vários quilômetros de distância dos polos. Em muitos casos, o acesso à rede só era possível depois de quatro ou cinco horas de viagem.

O cenário era ainda mais assustador porque vários alunos não sabiam sequer usar o computador, como lembra Reznik: "havia gente de 25 a 60 anos e os mais velhos tinham dificuldade até de manusear o mouse. Capacitamos todos eles. Partimos do princípio de que eram nossos colegas e era primordial respeitá-los, afinal, eles têm sua sabedoria e sua expertise. Dialogamos a partir da experiência deles, só assim conseguimos resultados".

Devido ao perfil diferenciado dos estudantes, o nível de cobrança mudou, gerando uma polêmica dentro da universidade: "a diferença de exigência não alterou a qualidade do serviço oferecido. Oferecemos um curso com a qualidade requerida na formação de professores, em nenhum momento abrimos mão disso", diz Reznik.

Mesmo com um rigor diferente do aplicado para os alunos presenciais, alguns alunos do curso a distância desistiram, foram reprovados ou jubilados por excesso de reprovações. A maioria acreditava que seria fácil chegar ao fim do curso, mas ao final dos três primeiros meses, cerca de cem alunos já haviam deixado a graduação.

Reznik lembra que o diploma é o mesmo que qualquer aluno da universidade recebe: "são nossos alunos, portanto, recebem o mesmo diploma, sem nenhuma diferença. Se por um lado, eles têm todo o mérito de exibi-lo, afinal, foi conquistado, por outro lado, discutimos muito sobre as cobranças justamente porque estávamos entregando um diploma da PUC-Rio".

Em dezembro de 2010, 790 alunos concluíram o curso e agora, em 2011, muitos estão cursando as disciplinas nas quais tinham dependência para concluir os estudos.

A experiência fascinou toda a equipe, mas também deu muito trabalho e apesar do Departamento de História pensar na possibilidade de abrir um curso de graduação a distância para o mercado, por enquanto, este é apenas um plano.

"EU TINHA UMA DESCONFIANÇA EM RELAÇÃO

À EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, MAS HOJE, SOU UM



Moticias

CCEAD na rede

Os objetos de aprendizagem produzidos pela CCEAD já estão disponíveis no Youtube (http://www.youtube.com/cceadpucrio). Logo nas primeiras semanas, a página recebeu milhares de visitas e alcançou a marca de mais de cem mil acessos ao completar oito meses de existência. O material está disponível com legendas em inglês, espanhol e português.



De Tocantins para Curitiba

A aluna do curso de *Tecnologias em Educa-*ção, Jacqueline Costa Rodrigues Nogueira, participou do Congresso *Tesol Conven-*tion – 9th Southern Cone – Leading stars of teaching, apresentando o resultado da sua pesquisa desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso, cujo título é "A tecnologia no ensino do inglês no estado do Tocantins". O evento aconteceu em Curitiba, no Paraná, entre os dias 17 e 20 de agosto. Jacqueline garante que os ensinamentos obtidos durante seus estudos na CCEAD foram muito importantes para a sua carreira.

Grupo de Pesquisa

O grupo de pesquisa da CCEAD,
Cooperação e Avaliação em EAD,
publicou no último ano vários
artigos relacionados à qualidade de
formação em educação a distância,
evidenciando a importância da relação entre mediador e aluno. Desde
sua formação, em 2002, o grupo
vem participando constantemente
de atividades científicas da sua área
de atuação. Os trabalhos podem ser
acessados através do link http://moo-dle.ccead.puc-rio.br/pesquisa/.

Melhor artigo

A CCEAD PUC-Rio recebeu o prêmio de melhor artigo pelo trabalho "Conteúdos Educacionais Digitais Multimídia. Métodos e Critérios de Avaliação Recíproca para Objetos de Aprendizagem" que foi apresentado no Sétimo Simpósio Ibero-americano em Educação, Cibernética e Informática por Bernardo Pereira Nunes e Igor de Oliveira Martins. Os dois estiveram nos Estados Unidos para participar do simpósio e receber o prêmio.

Conteúdos Educacionais

O novo site com os conteúdos educacionais digitais produzidos pela CCEAD já está disponível através do link http://condigital.ccead.puc-rio.br/condigital/ e abriga todos os produtos elaborados para o projeto Condigital. São 120 vídeos, 36 programas de rádio, 200 softwares e, ainda, um museu virtual de química.



30 REVISTA ASAS

BRASIL, MOSTRA TUA

Curso de especialização de tecnologias em educação revela um lado do Brasil que poucos conhecem

m 2006, a CCEAD iniciou um curso de especialização a distância que iria mudar a realidade de milhares de educadores da rede pública de ensino do país. Com o nome Tecnologias em Educação, o curso prepara professores em exercício pleno de suas funções em escolas estaduais e municipais do ensino fundamental e médio para atuar como formadores e multiplicadores em tecnologias aplicadas à educação.

O curso pretende, também, promover a formação continuada dos docentes no uso das tecnologias de informação e comunicação, colaborando, desta forma, para a melhoria da qualidade da educação básica brasileira.

Depois de duas edições bem sucedidas e mais de cinco mil profissionais formados, é fácil encontrar projetos que se destacam pela qualidade e originalidade. E ao encontrá-los, descobrimos um lado do Brasil que poucos conhecem.

O VERDADEIRO CORDEL ENCANTADO

Patativa em Rede, a caminho do centenário é um projeto da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria Isabel, no município de Assaré, no Ceará, e que aproveita a cultura popular local para estimular o aprendizado entre os jovens.

O município de Assaré fica no sul do Ceará e faz parte do sertão do Cariri.
Uma marca da região é a forte presença da cultura popular tradicional, com seus violeiros, poetas, repentistas e a célebre literatura de cordel.

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, foi um famoso poeta, compositor e cantor que através de sua arte denunciava as injustiças sociais e chamava a atenção para os contrastes do sertão nordestino. Teve inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em jornais e revistas e virou até caso de estudo em universidades estrangeiras,

entre elas, Sorbonne, na França. Porém, muitos jovens da sua terra natal pouco ou nada sabem a seu respeito.

A ideia de recuperar a história do poeta consagrado de Assaré e usar sua arte para ensinar e educar fez tanto sucesso que o projeto ganhou prêmios e se tornou o trabalho de conclusão de curso do professor Teodomiro Carneiro Alencar. "Trabalhamos o Patativa cidadão e o Patativa poeta de maneira dinâmica, utilizando as tecnologias e os diferentes meios de difusão. Exploramos temas que fazem parte da realidade dos nossos alunos e com isso eles puderam conhecer de

fato este mestre da nossa cultura", explica Teodomiro.

O projeto, que nasceu justamente no ano em que Patativa completaria cem anos, se destacou por unir o tradicional e o moderno de forma atraente e criativa. O resgate do patrimônio cultural de Assaré aconteceu através da utilização das novas tecnologias e como resultado, a literatura de cordel exibida nas feiras do interior

do Brasil e os recitais de poesia típicos das praças das pequenas cidades acabaram invadindo a internet.

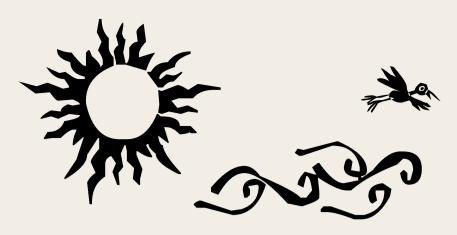












Alô, alô educação

Um funk interrompe a aula de certo professor. É o celular de uma aluna sentada na primeira fila da sala. Ela desliga o aparelho, porém, ele volta a tocar outras duas ou três vezes. Irritado, o professor lança o celular contra o chão. A cena foi registrada por outro aluno e divulgada na internet e, até hoje, provoca debates calorosos sobre o uso de celulares em sala de aula e a atitude de professores diante desta situação.

Joseane Viana do Vale, formada em geografia pela Universidade Estadual do Piauí e Coordenadora Pedagógica da escola estadual Professor Carlo Casadio, em Boa Vista, Roraima, percebeu que o telefone móvel pode ser um aliado do ensino, não um inimigo. Ela escreveu um trabalho sobre o uso do celular como ferramenta de aprendizagem no ambiente escolar, lembrando que os aparelhos atuais têm acesso à internet e podem ser usados como máquinas fotográficas digitais, gravadores de voz, filmadoras, MP3 etc. "Diante de tantos atrativos, o celular passou a ser o principal motivo de distração dos alunos em sala de aula e a maioria dos professores o vê como um vilão que tira a concentração. No entanto, ele pode contribuir no processo de aprendizagem, justamente por possuir uma série de recursos. O que causa a distração nos alunos é o desinteresse pela aula e não a existência de um telefone celular", dispara Joseane.

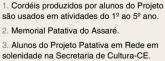
Em sua pesquisa, a Coordenadora Pedagógica aponta inúmeras utilidades para o celular em sala de aula. Ela afirma que pode ser útil em pesquisas, para gravar trechos de explicações do professor e até para compartilhar informações com a turma, por meio de redes sociais como o Twitter e blogs ou torpedos.

Joseane apresenta sugestões de atividades em diversas disciplinas. Nas aulas de geografia, a máquina de fotografar do celular pode ser usada para registrar o trajeto da casa até a escola e a partir daí, trabalha-se as paisagens geográficas. Para as classes de português, o envio de mensagens pode ser uma boa alternativa para exercitar tipos de linguagem e a grafia das palavras. É possível até realizar um debate em cima da questão do uso da norma culta da língua. A calculadora do celular é uma excelente ferramenta para as aulas de matemática. Enfim, as possibilidades são muitas, basta usar a imaginação.

Vários Brasis

de ensino.

Assim como Teodomiro e Joseane, inúmeros outros educadores descobriram novas formas de explorar as tecnologias na educação. Trabalhando temas como inclusão social, utilização de web 2.0, práticas inovadoras, capacitação de professores, uso de ambientes virtuais etc., estes milhares de profissionais ocuparam a posição do aluno para, em seguida, voltar à posição de mestre com mais motivação, mais experiência e mais vontade de fazer com que o Brasil, apesar das suas inúmeras caras, possa exibir um único e bem qualificado sistema



4. Dramatização de cordéis.



O ENCONTRO DE PATATIVA COM LUIZ GONZAGA

Cordel produzido por alunos da escola Maria Isabel

Quando Patativa e Luiz se conheceram Foi ai que eles logo perceberam Cada um tinha o seu dom Patativa poeta e Luiz cantor E tudo isso era muito bom.

Patativa assim começou Logo ele se tornou Um poeta muito falado E Luiz sendo cantor Foi assim que começou.

Patativa recitando
As suas poesias
E seu Luiz tocando
Sua sanfona com alegria
E cada um seguiu seu rumo

Luiz com sua voz Se tornou cantor famoso Conseguiu sucesso veloz Não tinha quem calasse sua voz Ele era um cantor saudoso.

Patativa com a poesia Era um poeta famoso Era também muito gracioso E também grandioso E tinha cortesia.

Luiz fez muito sucesso Com a música *Asa Branca* Que até hoje nos encanta E ninguém nunca esquece E até hoje parece Uma eterna lembrança

Patativa é um poeta Que o mundo conheceu Escrevendo belas rimas No Assaré ele viveu Foi aqui que ele cresceu. Luiz era o rei do baião Exu era a sua cidade E naquele pequeno torrão Foi ali que na sua mocidade Ele se fez rei do baião.

Lhe digo que nessa serra Que Patativa cresceu Que jamais existirá Um poeta como aqui nasceu.

Luiz tocava tão bem Quanto também cantava Todo mundo se admirava Chegava até a dizer Igual a ele não tem.

Patativa do Assaré Sempre digo que tu é O poeta dos poetas Esse é um dom maravilhoso Você é um peita grorioso.

A carreira de Luiz Rumo ao longo sucesso Foi sempre o que ele quis E também um longo processo Na vida do seu Luiz.

Na vida do poeta do sertão Tudo era um pretexto Pra se fazer um texto No qual ele contava Tudo aquilo que gostava Daqui do nosso sertão.

Luiz Gonzaga por onde passava A todo mundo encantava Com sua belíssima voz Atingiu um sucesso feroz Era muito conhecido por todos.

Patativa era um poeta Que só falava a verdade E apesar da sua idade Fazia tudo que podia Criava e recitava a sua poesia Com muita alegria.

Patativa e seu Luiz Juntos nos encantavam E a todos emocionavam Deixando o coração feliz.

Cantaram juntos a Asa Branca Vaca Estrela e Boi Fubá Essa voz encantadora Que fazia até garoa Virar chuva em alto mar.

Com a morte de Luiz O mundo todo se entristeceu E todos ficaram infelizes Com isso que aconteceu.

Patativa ficou sozinho
Pois um grande amigo perdeu
Mesmo assim não entristeceu
E seguiu o seu caminho.

Patativa não entristeceu Por aquilo que gostaria De um dia encontrar O seu amigo que perdeu.

Com Patativa muito doente Mas nunca desistente E mesmo assim recitando Com a sua hora chegando.

Quando ele faleceu O Assaré se entristeceu Pois o nosso poeta querido Nós já tínhamos perdido.

Nosso poeta adorado
Que de nós tirou muito riso
Está indo rumo ao paraíso
E no céu a sua chegada
Foi um encontro com Luiz Gonzaga.
Eles começaram a conversar
E com muita alegria
Luiz começou a cantar
E Patativa com sua poesia
Começou a recitar.

Tudo isso se transformou Numa grande festa no céu E foi assim que terminou O nosso grande cordel.







